



Verter a amizade em carta: prática epistolar e cuidado de si em Gonçalves de Magalhães

Keversson William Silva Moura¹ 

INTRODUÇÃO

¹ Mestrando em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: keverssonwsm86@gmail.com.

Este trabalho foi realizado com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de financiamento 001.

Entre as décadas de 1860 e 1870, Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882), escritor romântico e estadista do Império do Brasil, escreveu várias epístolas para Manuel de Araújo Porto-Alegre (1808-1879), pintor romântico, diplomata e seu grande amigo e companheiro. Escritas no período em que Gonçalves de Magalhães atuou como diplomata em Viena, Washington e Buenos Aires, e Araújo Porto-Alegre como cônsul em Dresden e em Portugal, essas cartas são focalizadas em notícias do cotidiano do Brasil e desses outros países, com registros sobre a saúde de Magalhães e Porto-Alegre e de acontecimentos com os entes familiares, como filhos e esposas, além de expressarem a amizade entre esses dois literatos e a importância desse afeto para ambos. Após a morte do pintor romântico, seu filho, Manuel de Araújo Porto-Alegre, doou as missivas pertencentes ao pai, enviadas por Magalhães, para a Academia Brasileira de Letras. Posteriormente, a ABL publicou 12 das 30 cartas de Magalhães endereçadas a Porto-Alegre na edição de abril-maio, de 1934, da *Revista da Academia Brasileira de Letras*.

Dessa forma, essa dinâmica epistolar, da troca de cartas por Magalhães e Porto-Alegre à doação e publicação, vai ao encontro do que Philippe Lejeune (2008, p. 252) postula sobre a correspondência, visto que, segundo ele, “a carta é compartilhada. Ela tem vários aspectos: é um objeto (que se troca), um ato (que pode ser publicado)... E há sempre várias pessoas envolvidas”. De igual maneira, tal movimento evidencia o procedimento que Gomes (2004, p. 19) denominou de pacto epistolar, o qual se baseia no ato do remetente de confiar informações íntimas ao destinatário, ao “outro”, e no ato deste último de “receber, ler, responder e guardar cartas”. Pois Porto-Alegre, o proprietário desses documentos, guardou, possivelmente, todas as missivas que recebeu de Gonçalves de Magalhães, demonstrando, assim, a importância que atribuía à figura dele, enquanto amigo e confidente, e à amizade entre ambos. Assim sendo, tais mis-

sivas possibilitam outra leitura do movimento romântico brasileiro sob a ótica da prática amistosa, já que, consoante Anne Vincent-Buffault (1996, p. 10), “a amizade é uma prática que supõe problematizações: as da relação com os outros, com o próximo e com o distante, com a atividade e a intimidade, com a família e com o amor, por exemplo”.

Essa nova leitura se faz necessária na medida em que a crítica literária e historiográfica do Romantismo brasileiro não se ateu ao problema da amizade nos românticos, tendo em vista que a amizade continua a ser tematizada nos romances e nas narrativas do século XIX, a despeito da centralidade que o núcleo familiar e o casal heterossexual assumiram, conforme observa César Braga-Pinto (2018, p. 20).

E, se é verdade que, no século XIX, a família e o casal romântico passariam a ocupar o centro das grandes narrativas, a amizade, mesmo em seu aspecto íntimo, continuará presente, mais ou menos clandestinamente (em cartas, diários, etc.), às vezes chegando às fronteiras do público e do publicável, seja em poemas, seja nas páginas de alguns romances canônicos [...].

MODERNIDADE E EMERGÊNCIA DE NOVAS PRÁTICAS LITERÁRIAS

Segundo Roger Chartier (2009, p. 165-166), entre os séculos XVI e XVIII, ocorreu um processo de privatização nas sociedades ocidentais, demarcado pelo engendramento de uma nova sociabilidade pautada pela civilidade. Até o século XVI, o sujeito, sua consciência e práticas estavam ligados às solidariedades comunitárias e à exposição de atos e emoções na esfera pública, já que não havia uma distinção clara entre público e privado. Com a emergência da primeira modernidade e a formação do Estado Moderno, determinados comportamentos e relações, bem como a exteriorização das emoções e dos sentimentos, como a amizade, passaram a ser censurados e deslocados, como forma de reação, para o âmbito privado, para o espaço doméstico e íntimo, em função da civilidade que estabeleceu novos códigos de conduta, novas sociabilidades, novas práticas de escrita e leitura e uma nova consciência de si e dos outros.

Assim, a civilidade é acima de tudo uma arte, sempre controlada, da representação de si mesmo para os outros, um modo estritamente regulamentado de mostrar a identidade que se deseja ver reconhecida. Na solidão ou na intimidade com o outro, essas disciplinas já não têm sentido, e as efusões mais impudicas, as emoções mais extremadas podem submergir todo o ser. Aí também o discurso da mística ou a confissão erótica expressam essas paixões que os decoros da civilidade não sufocam e que extrapolam as censuras e imposições duramente incorporadas pelo *habitus* do homem moderno.

Na esteira desse processo, as práticas literárias também sofreram modificações profundas. Como expõe Jean-Marie Goulemot (2009), até o fim da Idade Média, a literatura estava ligada a certo regime de comunidade, predominando a tematização do coletivo, das redes, relações e solidariedades comunitárias. A partir do século XVI, com o processo de privatização, as práticas literárias foram associadas às novas sociabilidades e novas civildades que distinguem o público do privado, culminando na interdição da publicização das emoções e dos sentimentos dos sujeitos e no ato de privilegiar a representação de eventos e acontecimentos que ocorrem no âmbito público, em detrimento do privado, como ocorre com a emergência da escrita das memórias. Estas centram-se nos atos públicos de membros das elites e na visão deles acerca de determinado acontecimento ou fato histórico, seja como ator ou como testemunha, relegando, assim, a vida privada e íntima desses sujeitos ao indizível e, sobretudo, ao impublicável (Goulemot, 2009).

Tal paradigma se mostrou estável até o início do século XVIII, quando ocorreu, consoante Goulemot (2009), a afirmação do privado nas práticas literárias, em virtude, sobretudo, da inflexão operada pelo ideário egotista do filósofo iluminista francês Jean-Jacques Rousseau, o qual estabelece o “eu” íntimo e secreto, em oposição à normatividade da ordem social e à verdade externa, como objeto literário privilegiado e como fundamento da verdade, como é o caso dos romances epistolares, da autobiografia e da correspondência. Desse modo, há um deslocamento do público para o privado, do externo para o íntimo, criando, assim, um efeito de verdade, já que o leitor aceita como verdadeiro aquilo que está sendo enunciado pelo sujeito no romance epistolar, na autobiografia e nas missivas. Pois esse discurso advém do íntimo do autor, de seu “eu” mais secreto, autêntico, singular e que está além do alcance da esfera pública, resguardadas as especificidades desses gêneros, já que a correspondência, por exemplo, não visa à publicação *a priori* pelos missivistas e apresenta um destinatário, diferentemente dos dois outros. Ao mesmo tempo e de modo paradoxal, para que haja tal efeito na narrativa, é necessário que a intimidade seja desvelada, que se torne pública (Goulemot, 2009).

Nesse sentido, conforme assinala Angela de Castro Gomes (2004, p. 13), ao desvelarem certa intimidade, certa verdade interior, tais escritas de si ou escritas autorreferenciais, como a autobiografia, o diário e a correspondência, evidenciam a constituição da identidade do indivíduo ocidental moderno, marcado pela singularidade em relação aos demais cidadãos do corpo social, pela crítica à tradição, pela fragmentação, pela descontinuidade e pela transformação deste “eu” no tempo e ao longo do tempo. E isso porque “são elas [as escritas de si] que atendem à demanda de uma certa estabilidade e permanência através do tempo”, em função da transformação constante do sujeito

moderno. Assim, ao escrever sobre si para si mesmo ou para outro, como é o caso da escrita epistolar, o indivíduo moderno se constitui e revela indícios desse percurso, possibilitando a compreensão de sua subjetividade, de sua identidade difusa e fragmentária e do tempo histórico moderno, bem como das formas de resistência e de codificações dessas novas sociabilidades para que seus sentimentos e emoções possam ser expressos.

Isso porque é na cultura desse tipo de sociedades que novas relações de convivência se tornaram possíveis, ao serem autorizadas a vivência e a expressão de sentimentos, como os da amizade e do amor, de forma mais próxima, efusiva, informal. Assim, a sociedade da sinceridade é também a da intimidade, havendo transposições frequentes entre tais noções, pois foi esse indivíduo que se tornou sincero/verdadeiro em suas ações e emoções, que conquistou a possibilidade de expressá-las para si e para os outros. Uma sociedade onde o coração, até mais que a razão, passou a simbolizar a ideia de produção e expressão de um “eu” profundo, subjetivo, autêntico, como já mencionado (Gomes, 2004, p. 16).

Em virtude da afirmação do privado nas práticas literárias, do individualismo moderno e da ideia de uma densidade e profundidade em torno do “eu”, a escrita de diários e de cartas sofreu um aumento expressivo no século XIX. Tal aumento se explica na medida em que são nessas escritas de si, cada uma a seu modo, que o indivíduo moderno pode viver e expressar de maneira autêntica, sincera e verdadeira suas relações, seus sentimentos, emoções e afetos, como a amizade e o amor, que foram deslocados para a intimidade e para o espaço privado, tendo em vista que conforme Gomes (2004, p. 19),

A correspondência pessoal, assim como outras formas de escritas de si, expande-se *pari passu* ao processo de privatização da sociedade ocidental, com a afirmação do valor do indivíduo e a construção de novos códigos de relações sociais de intimidade. Tais códigos permitem uma espontaneidade das formas de expressão dos sentimentos como a amizade e o amor; uma espécie de “intimização” da sociedade. A escrita de cartas expressa de forma emblemática tais características, com uma particularidade: elas são produzidas tendo, *a priori*, um destinatário.

A AMIZADE E A PRÁTICA EPISTOLAR DOS PRIMEIROS ROMÂNTICOS BRASILEIROS COMO CUIDADO DE SI

No que tange ao Romantismo brasileiro, compreende-se tal movimento, em diálogo com Marcelo Rangel (2011), não como sendo uma experiência apolítica, acrítica e pragmática que teria acalmado os ânimos do período pós-independência e se alinhado à continuidade do *status quo* escravista e colonial, como defendeu Antonio Candido (2004)². Mas, sim, como uma forma de pensa-

2 Candido (2004) apontou, de modo assertivo, a relação intrínseca entre o Romantismo e a constituição do Estado e da identidade nacionais. No entanto, em que pese as suas contribuições para a construção da Literatura Nacional, o crítico literário não se ateve à compreensão de que o Romantismo brasileiro, embora de caráter nacional e constitutivo da identidade brasileira, foi atravessado por disputas, dissidências e dissonâncias que questionam a moral brasileira oitocentista, a modernidade e apontam para outras possibilidades históricas, ético-políticas e afetivas.

mento crítico à modernidade e ao *éthos* oitocentista brasileiro da *boa sociedade*, isto é, dos homens e mulheres comprometidos com a continuidade de certa ordem colonial, conforme definiu Ilmar Mattos (1987). Tal crítica se articula ao projeto de nação dos primeiros românticos brasileiros, como Gonçalves de Magalhães, Araújo Porto-Alegre e Francisco de Sales Torres Homem, cujos ideais foram expressos, por exemplo, na criação, em Paris, da *Revista Niterói* (1836), periódico que possivelmente deu origem ao Romantismo no Brasil, e no livro de poemas *Suspiros Poéticos e Saudades* (1836), de Magalhães.

Chegamos, aqui, portanto, à tensão significativa que fundava o projeto civilizador Romântico, e que Torres Homem evidencia e endossa em consonância a Magalhães, a saber: por um lado, a crítica e a esperança dedicados à civilização do Império do Brasil, e isto a partir da literatura e, por outro lado, o pessimismo e a desconfiança na possibilidade de ultrapassar o modo de ser “egoísta” que orientava os homens e mulheres da *boa sociedade* (Rangel, 2011, p. 53).

Nesse sentido, conforme Rangel (2011), a forma de pensamento romântica é marcada por uma duplicidade: ao mesmo tempo que visava constituir o Estado e a identidade nacionais no bojo das tensões e revoltas do período regencial, também buscava criticar a moralidade oitocentista brasileira, delineada pelo escravismo e pelo patriarcalismo, por meio da produção de uma educação sentimental a partir da literatura, de modo a fornecer sentidos adequados para a vida no que os primeiros românticos chamavam de pátria. E, mais do que isso, tal projeto e crítica românticos são marcados por uma profunda melancolia, isto é, por uma oscilação entre certo otimismo e pessimismo no que tange ao futuro do Brasil e pela insistência na consecução de projetos positivos, a despeito das consequências e de certa desconfiança que os engendraram (Rangel, 2013). Assim sendo, acreditamos que o Romantismo pode abarcar outros tipos de relações e afetos, que não centrados no casal heterossexual, assim como outras relações consigo e com os outros, capazes de tensionar o patriarcalismo oitocentista brasileiro, as prescrições normativas do sistema binário sexo-gênero e a repressão sexual. Esta última sendo entendida, em diálogo com Michel Foucault (1999), como um dispositivo de tematização e incitação discursiva do sexo que patologizou e criminalizou o amor entre dois homens em suas mais diversas formas, entre elas, a amizade.

E uma de minhas hipóteses [...] é que a homossexualidade (pelo que eu entendo a existência de relações sexuais entre homens), torna-se um problema a partir do séc. XIX. A vemos tornar-se um problema com a polícia, com o sistema jurídico. Penso que ela se tornou um problema, um problema social, nessa época, é porque a amizade desapareceu. Enquanto a amizade representou algo de importante, enquanto ela era socialmente aceita, não era impor-

tante que os homens mantivessem entre eles relações sexuais. Não se pode simplesmente dizer que eles não as tinham, mas que elas não tinham importância. Isso não tinha nenhuma implicação social, as coisas eram culturalmente aceitas. Que eles fizessem amor ou que eles se abraçassem não tinha a menor importância. Absolutamente nenhuma. Uma vez desaparecida a amizade enquanto relação culturalmente aceita, a questão é colocada: “o que fazem, então, dois homens juntos?” Neste momento o problema apareceu (Foucault, 2004a, p. 273-274).

No que concerne à amizade entre Magalhães e Porto-Alegre, postula-se, em interlocução com Foucault (1981, p. 3), que se constitui como um modo de vida, já que é estética, pois criativa, propositiva e imaginativa, e também ética, visto que incide sobre o comportamento do indivíduo, modificando-o e criando um novo tipo de relação, única e singular entre os sujeitos, mas sempre aberta a transformações e a novas formas relacionais.

Esta noção do modo de vida me parece importante. Não seria preciso introduzir uma diversificação outra que não aquela devida às classes sociais, às diferenças de profissão, de níveis culturais, uma diversificação que seria também uma forma de relação e um modo de vida? Um modo de vida pode ser partilhado por indivíduos de idade, estatuto e atividades sociais diferentes. Pode dar lugar a relações intensas que não se pareçam com nenhuma daquelas que são institucionalizadas e me parece que um modo de vida pode dar lugar a uma cultura e a uma ética.

Compreende-se que esse modo de vida é distinto e crítico daquilo que Rangel denominou, a partir da crítica dos primeiros românticos brasileiros, de egoísmo da sociedade escravista brasileira. Tal “modo de ser egoísta” é significado como sendo uma disposição afetiva negativa, engendradora a partir da colonização e, sobretudo, da escravidão, que dispensa a alteridade, já que está baseada no comportamento da elite escravista brasileira de tomar a si como medida de todas as coisas e de não realizar a atualização de si, a abertura à diferença, o que impossibilitava a concretização do progresso moral e material do Império do Brasil (Rangel, 2011). Desse modo, a amizade entre esses dois românticos constitui-se como um modo de vida crítico e alternativo ao egoísmo da *boa sociedade*, já que está baseada no cuidado de si (*epiméleia heautoû*), o qual é definido por Foucault (2006, p. 15) como sendo “[...] o tema de uma atitude geral, um certo modo de encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar ações e de se relacionar com o outro. A *epiméleia heautoû* é uma atitude — para consigo, para com os outros, para com o mundo”.

E, para além disso, como defende Foucault (2006), o cuidado de si consiste em práticas, em ações, em exercícios contínuos de si sobre si, com o outro e a partir do outro, como o amigo, por exemplo, que implicam na constituição do sujeito e, por conseguinte, na reflexão e transformação do seu modo de ser,

do seu comportamento e atitude perante o mundo, perante o outro. Uma dessas práticas do cuidado de si delimitadas por Foucault é a correspondência, a qual baseia a amizade entre Magalhães e Porto-Alegre, como será analisado posteriormente. Essa modalidade das escritas de si tem uma dupla função e realiza um duplo trabalho, já que a missiva “[...] que se envia age, por meio do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como, pela leitura e releitura, ela age sobre aquele que a recebe” (Foucault, 2004b, p. 153). E isso porque a carta traz, consoante Foucault (2004b), determinados *topos*, como notícias sobre a saúde, conselhos, consolos, exortações. E, principalmente, expressa os sentimentos e as sensações, como a saudade, a tristeza, a melancolia e o prazer, em relação à ausência/presença do outro, do amigo.

Em sua correspondência, Gonçalves de Magalhães repercutiu tais *topos*, buscando sempre aconselhar e consolar o amigo. Ao escrever sua primeira carta a Porto-Alegre de que se tem notícia, em 7 de fevereiro de 1862, em Viena, Magalhães, demonstrando certa melancolia, consola Porto-Alegre, exortando-o a ficar bem e a não se deixar abater, em virtude da doença dos filhos. Ao mesmo tempo, o poeta romântico relata as dificuldades que estava enfrentando com os filhos enfermos, em consequência do rigoroso inverno austríaco:

Am.º e Compadre Porto-Alegre, — Que vida, meu amigo, que vida!
É uma verdadeira miséria! E este mundo um verdadeiro vale de lágrimas. Que dias amargurados passaste com 7 doentes de uma só vez! Deus permita que já todos cantem vitória, e que estejas mais sossegado. E eu meu amigo? Também passei dias e noites cruéis com os dois pequenos de cama em consequência de uma grande febre catarral, de que lhes ficou uma tosse impertinente. O pequeno está abatido, e apenas levantou-se há dois dias. — Temos tido um inverno terrível. Nevou muito nos últimos dias do mês passado; sobrevieram logo chuvas e um degêlo rápido (Magalhães, 1934, p. 109).

Além do consolo oferecido a Porto-Alegre, de modo a atenuar seu sofrimento, observa-se também na missiva o ato de Magalhães de compartilhar com o amigo a sua tristeza e o cansaço em relação à conjuntura familiar. Ao fazer isso, o poeta está realizando, sob o olhar do “outro”, um exercício sobre si mesmo, alicerçado no exame de consciência, em uma atenção voltada para si, de modo a ajudar o amigo e a se ajudar. E, mais do que isso, a se preparar para eventualidades e infortúnios, como a doença dos filhos e até mesmo a morte de entes amados, atribulações pelas quais Magalhães havia passado anteriormente, já que, conforme Alcântara Machado (1936), único biógrafo do escritor romântico, o poeta já havia perdido a mãe e “dois pequenos” em 1848, quando atuou como diplomata em Nápoles. Assim sendo, tal carta se configura como ajuda, como consolo e como conselho para Porto-Alegre, mas também para si mesmo,

para a sua melancolia, oferecendo esperanças para lidar com as possíveis desventuras da vida. E isso porque, conforme Foucault (2004b, p. 154),

A carta que é enviada para ajudar seu correspondente — aconselhá-lo, exortá-lo, admoesta-lo, consolá-lo — constitui para aquele que escreve uma espécie de treino: um pouco como os soldados em tempos de paz se exercitam no manejo das armas, os conselhos que são dados aos outros na urgência de sua situação são uma forma de preparar a si próprio para uma eventualidade semelhante.

Em carta de 18 de fevereiro do mesmo ano, Magalhães continua a prestar assistência e consolo ao amigo. O poeta inicia a missiva se abrindo, de forma livre, espontânea e sem censura, para as emoções do pintor romântico e para o motivo de suas lágrimas, estabelecendo uma relação direta entre a doença de Porto-Alegre e o seu estado da alma. Mais adiante, Magalhães aconselha-o a ir para Carlsbad (Karlovy Vary), cidade de fontes termais e terapêuticas do Império Austro-Húngaro, de modo a se encontrar com ele e sua esposa e de tratar essa possível doença.

Am.º e Compadre Porto-Alegre. — Que posso eu dizer-te em resposta à tua cartinha de 10 do corrente, senão que sinto profundamente todos os seus incômodos e desgostos e desejo que se não repitam? — Quanto ao motivo das tuas lágrimas, acho-o justo e natural, porque o coração não raciocina; si bem que a razão se inclina ao parecer de Monte-Alverne. Não é infeliz quem cessa de padecer, sem nunca ter sabido para que veio ao mundo. — Á vista das tuas disposições espero ter o prazer de ver-te este ano em Carlsbad, em companhia da Comadre. A este respeito devo dizer-te que as ordens dos médicos nem sempre são as da Medicina (Magalhães, 1934, p. 111).

Observa-se na passagem acima a demonstração de afeto para Porto-Alegre, e deste para Magalhães ao confidenciá-lo sobre sua tristeza e seu desespero em função dos sintomas de uma possível doença que o afligia. Tal ato demonstra, assim, o pacto epistolar existente entre os dois missivistas, conforme postulado por Gomes (2004) e como já enunciado, bem como um exercício de alteridade, em oposição ao egoísmo³ da sociedade oitocentista brasileira e ao egotismo, já que, consoante Brigitte Diaz (2016), a carta, ao partir do olhar, do exame do outro, não permite que o epistológrafo se feche em si mesmo. Nesse sentido, evidencia-se a “introspecção” de ambos, certa abertura e valorização de Magalhães em relação às emoções e sentimentos do amigo e, ao mesmo tempo, certa abertura para si mesmo, para a sua mundividência, identidade e subjetividade, visto que a carta se configura “[...] menos como um deciframento de si por si do que como uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo” (Foucault, 2004b, p. 157).

Em função dessa abertura para o outro, para aquilo que desponta, para os sentimentos e emoções do amigo, a correspondência de Magalhães,

3 Em interlocução com Rangel (2011), compreendemos o egoísmo, no Brasil, como uma disposição afetiva e moral negativa, legada da experiência colonial brasileira, da escravidão, que faz com que os sujeitos da *boa sociedade* brasileira se fechem sobre si mesmos, sobre suas paixões e desejos mais imediatos, tomando a si como sentido referencial absoluto para pensar e agir no mundo, tornando-se, assim, incapazes de realizar a crítica a si mesmos e à sua realidade histórica, de serem afetados e deslocados pelo outro e, conseqüentemente, de constituírem um espaço público adequado à concreção do progresso moral e material do Império do Brasil.

juntamente à amizade, pode ser significada como sendo um espaço da verdade, já que a amizade se constitui como uma relação de engajamento consigo e com os outros que implica na confiança, na abertura franca e no “dizer-verdadeiro” aos amigos. Há nessa correspondência e amizade, assim, a prática de si da *parresía*, visto que, consoante Foucault (2006, p. 440),

Etimologicamente, *parresía* é o fato de tudo dizer (franqueza, abertura de coração, abertura de linguagem, liberdade de palavra). [...] É a abertura que faz com que se diga, com que se diga o que se tem a dizer, com que se diga o que se tem vontade de dizer, com que se diga o que se pensa dever dizer porque é necessário, porque é útil, porque é verdadeiro. Aparentemente, *libertas* ou *parresía* é essencialmente uma qualidade moral que se requer, no fundo, de todo sujeito que fala.

Espaço esse no qual Magalhães tem a coragem de dizer a verdade ao amigo, afetando o comportamento de Porto-Alegre, ao mesmo tempo em que se coloca em risco ao dizer a verdade, uma vez que pode ser rejeitado e não compreendido pelo outro, pelo amigo. E, ao fazer isso, distancia-se da mentira e do egoísmo que organizava a *boa sociedade*, modificando, assim, o seu comportamento, já que conforme estabelece Foucault (2010, p. 55-56):

A *parresía* deve ser procurada do lado do efeito que seu próprio dizer-a-verdade pode produzir no locutor, do efeito de retorno que o dizer-a-verdade pode produzir no locutor a partir do efeito que ele produz no interlocutor. Em outras palavras, dizer a verdade [...] é abrir um perigo, é abrir um perigo em que a própria existência do locutor vai estar em risco, e é isso que constitui a *parresía*. A *parresía* deve ser situada portanto no que liga o locutor ao fato que o que ele diz é verdade, e às consequências que decorrem do fato de que ele disse a verdade.

Além disso, vê-se nessa carta, ainda, o questionamento de Magalhães às prescrições do médico do amigo, ao aconselhá-lo e recomendá-lo a ir para Carlsbad, o que evidencia a proposição de uma outra forma de tratar a doença, de um outro modo de vida, de um outro *éthos*, o qual, conforme Foucault (2004b), desvela-se sempre presente na correspondência. Modo de vida esse que também é o de Magalhães, cujo cariz é marcado pela desconfiança e crítica em relação à medicina oitocentista, como vimos e como pode ser visto ainda na carta de abril do mesmo ano, na qual o poeta positiva a escolha do médico e reafirma a Porto-Alegre ser uma boa resolução a ida a Carlsbad: “Creio que não te darás mal com o médico que escolheste, e que muito bem te farão as águas de Carlsbad, como me fizeram” (Magalhães, 1934, p. 111). Assim sendo, a assistência espiritual prestada por Magalhães a Porto-Alegre leva este último, possivelmente, a mudar o seu comportamento, a realizar os modos de subjetivação em relação ao discurso científico, e a assimilar e compartilhar o modo de

vida crítico à forma pela qual determinados médicos praticavam a medicina no século XIX, tendo em vista que

A reciprocidade que a correspondência estabelece não é simplesmente a do conselho e da ajuda: ela é a do olhar e do exame. A carta que, como exercício, trabalha para a subjetivação do discurso verdadeiro, para sua assimilação e elaboração como “bem próprio”, constitui também, e ao mesmo tempo, uma objetivação da alma (Foucault, 2004b, p. 156).

A CARTA COMO PRESENÇA DO OUTRO E ESPAÇO MODULADOR DE SI E DO DISCURSO

Em suas missivas, Magalhães destaca também a importância da prática epistolar para ele, de modo a estar sempre em contato com o amigo, de ter sempre notícias e informações dele. Em carta de 31 de julho de 1864, por exemplo, o poeta parabeniza Porto-Alegre pelo nascimento de sua filha e, no final, insta-o a não deixar de escrever-lhe e de lhe dar notícias:

Am.º e Compadre Porto-Alegre, — Mui sinceros parabéns, tanto meus como de tua comadre pelo feliz sucesso. [...] E viva o sr. Compadre, e a snra. Comadre, com a sua Alemãzinha. Si pelo próximo correio receberes alguma notícia que me possa interessar, seja como fôr, não te descuides de comunicar-m'a. — Lembranças e saudades a todos. Adeus. — Teu do coração — Magalhães (Magalhães, 1934, p. 112-113).

Ao longo de toda a sua correspondência, Magalhães solicita ao amigo a sempre escrever-lhe, como pode-se observar em carta de 31 de janeiro de 1866, na qual o poeta afirma esperar pela resposta do amigo: “Respondi á tua carta de 3 do corrente no mesmo dia em que a recebi e desde então te espero. Estimarei que a demora não seja por motivo de enfermidade” (Magalhães, 1934, p. 113). O que também pode ser visualizado em carta de 28 de julho de 1868, de Washington, na qual Magalhães pede ao amigo que mantenha um contato periódico: “Escreve-me ao menos uma vez por mês” (Magalhães, 1934, p. 116). Assim sendo, tais missivas apontam para a importância da prática epistolar para o poeta romântico e, sobretudo, para a importância da amizade com Porto-Alegre, de estar sempre em contato com o amigo, de ter o prazer de sua presença, ainda que de forma virtual e a distância. E isso porque, conforme estabelece Foucault (2004b, p. 156), a carta, para além de servir como consolo, conselho, exortação e exame de consciência, torna presente o outro, o amigo, ao inscrever as características singulares daqueles envolvidos na correspondência, reduzindo, assim, a distância e amenizando os efeitos da saudade.

Ela é alguma coisa mais do que um adestramento de si mesmo pela escrita através dos conselhos e advertências dados ao outro:

constitui também uma certa maneira de se manifestar para si mesmo e para os outros. A carta torna o escritor “presente” para aquele a quem ele a envia. E presente não simplesmente pelas informações que ele lhe dá sobre sua vida, suas atividades, seus sucessos e fracassos, suas venturas e desventuras; presente com uma espécie de presença imediata e quase física.

Ao mesmo tempo que reduz a distância espacial e torna presente o outro, ainda que de forma virtual, a correspondência mobiliza distintas temporalidades e espacialidades, em função dos diferentes tempos que envolvem os atos de escrever e de ler uma carta, da distância entre os espaços nos quais os missivistas estão localizados e do tempo dos meios de transportes responsáveis pelo envio e entrega da correspondência.

A escrita epistolar envolve o envio e recebimento de mensagens entre indivíduos, e uma observação básica é a que ressalta os múltiplos distanciamentos constitutivos dessa prática cultural. O primeiro a ser notado é o da distância no espaço e no tempo entre as ações de ler e escrever a carta: a distância entre os correspondentes que se encontram nesse lugar, físico e afetivo, constituído pelas cartas. Outro é o distanciamento entre o autor da carta e todos os acontecimentos narrados, principalmente os que têm nele mesmo o principal personagem. Ou seja, no momento da escrita, os acontecimentos/personagens narrados experimentam tempos variados, que podem se situar no passado (“ontem aconteceu...”, “você se lembra quando?”), no presente (“estou escrevendo esta carta...”) ou no futuro, nos projetos anunciados e planejados em conjunto (Gomes, 2004, p. 20).

Tal modulação de temporalidades e espacialidades pode ser mais bem visualizada em carta de Magalhães para Porto-Alegre, de 7 de maio de 1871, do Rio de Janeiro, na qual o poeta justifica-se pela demora de responder a missiva do amigo, discute sobre questões políticas e sociais relativas ao espreiamento da febre amarela em Buenos Aires, onde atuava como diplomata, e relata seu estado de saúde e de alma, o da sua esposa e o de seus filhos:

Caro Amigo e Compadre Porto-Alegre, — Respondi ha dias á tua cartinha de 13 do mês passado, e agora respondo á de 17, agradecendo-te a nomeação do sr. Aparício. — Dizes nessa carta que pusestes luminárias pela recepção da minha de 7 de março. Isso me faz crer que foi essa carta a primeira lembrança minha que recebeste depois da minha chegada a esta Côrte. Sendo assim, culpa é do Correio, e não minha, pois que te escrevi logo que aqui cheguei em janeiro. Nessa mesma ocasião escrevi também ao sr. Visconde de Condeixa, agradecendo-lhe os obséquios que aí [em Lisboa] me fez. Estimarei que ele o saiba por teu intermédio, no caso que também aquela carta se extraviasse. — Si vieres ao Rio é provável que já aqui me não aches. É verdade que a febre amarela continúa a fazer estragos em Buenos-Aires, cuja população se acha reduzida à quarta parte. Mas não ha mal que sempre dure, e si aquele flagelo

continuar ver-se-á o Governo de Buenos Aires na necessidade de se mudar para a Vila do Rosário, e eu de lá ir (sic). — Estou melhor do incômodo de que te falei na minha última carta; o Mimí ainda tosse; o resto da família fica sem novidade. — Todos nos recomendamos **á** comadre, e lhe desejamos saúde e vigor. — Lembranças a teus filhos. Os que aqui tens ficam de saúde. Adeus. — Teu do coração — Magalhães.

P.S. — Dia 17. — Aproveitando-me de um amigo que me veio visitar, mando hoje esta carta para o correio; porque ha 10 dias que não saio de casa, por causa do Mimí que esteve gravemente doente em perigo de vida, com uma febre violenta. — Apenas ontem fez crise a moléstia, e começamos a ter esperanças. Ele está muito fraco, e tua comadre e eu muito cansados de tanta vigília e susto. Adeus. (Magalhães, 1934, p. 118).

Observa-se nesta missiva que Magalhães mobiliza o presente, o seu presente histórico, ao enunciar que escreve, responde e envia a carta de 17 de abril naquele dia e naquele mesmo momento. Além do presente, Magalhães também mobiliza o passado, ao justificar o motivo da demora de se corresponder com o amigo e se referir à carta, possivelmente extraviada pelo Correio, que escreveu em janeiro, logo após a sua chegada na Corte do Rio de Janeiro. Tal trecho também evidencia a importância da prática epistolar e da presença virtual de Magalhães para o amigo, e deste para o poeta, como já enunciado, de modo a ser uma “lembrança”, suprir a ausência e reduzir a distância.

Do mesmo modo, Magalhães informa ao amigo que já não se encontra mais enfermo, como se encontrava antes, referindo-se e remetendo-se à carta de 22 de março, na qual relata a Porto-Alegre sofrer de “desordem dos intestinos” (Magalhães, 1934, p. 116), bem como relata a melhora do estado de saúde do filho Mimí, ocorrida no dia 6 de maio, antes da escrita da missiva do dia 7. Dessa forma, Magalhães demarca a mudança que ocorreu entre o “eu” da carta de março e o “eu” de agora, da presente missiva, configurando-se, assim, como um conteúdo não-atual e como um sujeito outro. Finalmente, Magalhães também mobiliza o futuro, ao postular a possibilidade de o amigo ir para Corte e do possível desencontro entre os dois, uma vez que o poeta já teria voltado para Bueno Aires, em virtude da febre amarela e da possível mudança da sede do governo da Argentina para a cidade de Rosário, delimitando, assim, diferentes temporalidades e espacialidades.

Além da questão da presença e da modulação de diferentes temporalidades e espacialidades, observa-se também nesta missiva a existência de uma rede de correspondentes, além de Porto-Alegre, que envolvem a prática epistolar de Magalhães, como pode ser visualizado com a menção à carta para o Visconde de Condeixa, nobre lisboeta. Esse é um fenômeno comum na correspondência entre amigos, já que, conforme aponta Vincent-Buffault (1996, p. 21),

além de tornar presente o outro, de ser uma arte de “conversar entre ausentes”, a correspondência amistosa também se configura como uma “circulação de informações culturais e sociopolíticas que forma uma rede mais vasta de correspondentes”.

Em virtude do estabelecimento dessa rede de correspondentes mais ampla, o remetente da carta modula o seu discurso conforme o destinatário, mostrando-se de diferentes formas para cada correspondente, a depender da intimidade, como pode ser visualizada a diferente forma que Magalhães trata Porto-Alegre e o Visconde de Condeixa, referindo-se a este último com cerimônia, e não com intimidade e amizade, como ocorre com aquele. Nesse sentido, em virtude dessa modalização ou desestabilização constante de temporalidades, espacialidades, de assuntos e da própria forma que Magalhães se apresenta para seu remetente, sua correspondência pode ser significada como não tendo um fim, diferentemente de outros gêneros da escrita de si, tendo em vista que, conforme assinala Brigitte Diaz (2016, p. 192, grifo da autora),

A esses diversos fatores de desestabilização acrescentam-se o improvável fechamento de qualquer correspondência e seu inacabamento programado. É impossível de fato pontuar com a palavra *fim* essas crônicas de si, como se faria em uma autobiografia, embora aí também a conclusão seja às vezes um desafio.

Desse modo, em decorrência desse inacabamento, tal correspondência pessoal de Magalhães, mais uma vez, se constitui como uma prática de si, já que, a partir dela, Magalhães e Porto-Alegre realizam um exercício contínuo e permanente, realizam um exame e uma crítica contínuos e permanentes deles mesmos e da realidade que os circunscrevem, conformando, assim, um cuidado de si, conforme define Foucault (2006).

Por fim, tais epístolas, focalizadas em notícias do cotidiano dos missivistas, na assistência espiritual, no consolo e nos conselhos prestados ao amigo, desvelam uma ética do cuidado de si, pois deslocam certa identidade coerente e uniforme de Magalhães e Porto-Alegre, por meio do inventar-se e do reinventar-se com o outro, por meio do ato de afetar-se e de deixar-se ser afetado de forma parresióstica, de ser modulado indefinidamente, conforme o discurso que se escreve, que se envia e que se recebe no ato da prática epistolar. Assim sendo, essas missivas constituem-se, juntamente à amizade, como instâncias disjuntivas, ao tematizarem o outro, a alteridade, o amigo e ao realizarem a transformação do seu comportamento e o de Magalhães, além de sinalizarem para um comportamento afetivo e um modo de vida mais distante e crítico do *éthos* da *boa sociedade*, fundado no egoísmo e no patriarcalismo. Desse modo, esta pesquisa possibilita a complexificação do Romantismo brasileiro, ao intentar uma nova leitura do movimento sob a ótica da amizade

e da intimidade, contribuindo, assim, para a história dos afetos, para a história das masculinidades e para os escassos estudos acerca das convivialidades masculinas no século XIX.

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves. Epistolário acadêmico (cartas a Manuel de Araújo Porto Alegre). *Revista da Academia Brasileira de Letras*, vol. 44, p.109-120, 1934.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA-PINTO, César. *A violência das letras: amizade e inimizade na literatura brasileira (1888-1940)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

CANDIDO, Antonio. *O romantismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Humanitas/ FFLCH-SP, 2004.

CHARTIER, Roger. Formas da privatização. In: CHARTIER, Roger. (org.). *História da vida privada*, 3: da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 163-169. (Volume 3).

DIAZ, Brigitte. Correspondência e escrita de si. In: DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX*. São Paulo: Edusp, 2016, pp. 141-162.

FOUCAULT, Michel. Da amizade como modo de vida. *Gai Pied*, nº 25, p. 38-39, abr. 1981. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=3189264&forceview=1> Acesso em: 03 dez. 2024. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política de identidade. *verve*, n. 5, p. 260-277, 2004a.

FOUCAULT, Michel. A Escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b. pp. 145-162. (Volume 5).

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. *O governo de si e dos outros*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GOMES, Angela Maria de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Angela Maria de Castro. (org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora, FGV, 2004. pp. 7-24.

GOULEMOT, Jean-Marie. As práticas literárias ou a publicidade do privado. In: CHARTIER, Roger. (org.). *História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. pp. 359-396. (Volume 3).

LEJEUNE, Philippe. A quem pertence uma carta? In: LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. pp. 251-254.

MACHADO, António de Alcântara. *Gonçalves de Magalhães: ou o romântico arrependido*. São Paulo: Livraria Acadêmica, 1936.

MATOS, Olgária Chain. Feres. Ethos e amizade: a morada do homem. *Psicanálise e cultura*, vol. 31, n. 46, p. 75-79, 2008.

MATTOS, Ilmar Rohloff. *O Tempo saquarema*. São Paulo: Hucitec/ INL, 1987.

ORTEGA, Francisco. *Amizade e Estética da Existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

RANGEL, Marcelo de Mello. *Poesia, história e economia política nos Suspiros Poéticos e Saudades e na Revista Niterói*. 2011. Tese (Doutorado em História) — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

RANGEL, Marcelo de Mello. O período regencial e o clima histórico: pessimismo e esperança na poesia de Gonçalves de Magalhães. *ArtCultura*, vol. 15, n. 26, p. 169-186, 2013.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

Verter a amizade em carta: prática epistolar e cuidado de si em Gonçalves de Magalhães

Resumo

Neste artigo, será analisada, sob o enfoque da amizade⁴, a correspondência pessoal de Gonçalves de Magalhães endereçada a seu amigo e companheiro, Manuel de Araújo Porto-Alegre. Busca-se, a partir da ética foucaultiana, refletir sobre a carta enquanto modalidade das escritas de si e das práticas literárias privadas, articulando-a à emergência de uma nova subjetividade moderna. Além disso, tenciona-se discutir as especificidades dessa correspondência, evidenciando a assistência espiritual prestada por Magalhães ao amigo, a questão da presença e das várias temporalidades, espacialidades e redes de correspondentes que são mobilizadas nessas cartas. Argumentamos que Magalhães, mediante a prática epistolar e a prática amistosa, constitui um modo de vida romântico distinto da moralidade brasileira oitocentista, baseado no cuidado de si.

Palavras-chave: Romantismo; Gonçalves de Magalhães; Amizade.

Pour friendship into the letter: epistolary practice and care of the self in Gonçalves de Magalhães

Abstract

This study will analyze Gonçalves de Magalhães' personal correspondence to his friend and companion Manuel de Araújo Porto-Alegre from the perspective of friendship. Based on Foucauldian ethics, this study aims to reflect on letters as a form of self-writing and private literary practice, linking it to the emergence of a new modern subjectivity. We also intend to discuss the specificities of this correspondence, highlighting the spiritual assistance Magalhães provided to his friend, the question of presence, and the various temporalities, spatialities, and networks of correspondents that are mobilized in these letters. We argue that Magalhães, by epistolary practice and friendly practice, constitutes a romantic way of life that is distinct from 19th-century Brazilian morality as it is based on care of the self.

Keywords: Romanticism; Gonçalves de Magalhães; Friendship.

Recebido em: 17 de julho de 2024
Aprovado em: 02 de novembro de 2024